ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

O CANDOMBLÉ COMO LOCAL DE VIVÊNCIA NEGRA E RESISTÊNCIA AO RACISMO E À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Gabrielle Caroline Fortunato (UEL)[1]
Claudia Neves da Silva (UEL-PQ)[2]

Resumo: O artigo tem por objetivo refletir e apresentar a contribuição da comunidade de Candomblé no combate à intolerância religiosa e ao racismo religioso no Município de Londrina, considerando que estas comunidades são espaços de fortalecimento e emancipação para o território ao seu redor. Para concretização do objetivo, realizamos entrevistas com três representantes do Candomblé Londrinenses que desenvolvem debates a partir de seus espaços de atuação. São dois homens negros e uma mulher negra que têm como premissa dar voz à comunidade a qual pertencem. Ao falar do Candomblé como possibilidade de combate ao racismo e intolerância religiosa, adentramos um espaço desconhecido, porém rico de conteúdo e possibilidades, e saímos da zona de conforto na busca para compreender uma temática fundamental para a sociedade.

Palavras-Chaves: Candomblé. Racismo. Intolerância Religiosa. Racismo Religioso.

INTRODUÇÃO

O Candomblé é um culto brasileiro com influência dos ritos africanos e fundamentado em divindades como Orixás, Inquices e Vodus para sua caracterização divina, as quais são representadas por dezesseis figuras que compõem o panteão africano. Cada uma destas divindades tem sua própria característica e carrega consigo algum elemento da natureza.

Diante das diversas influências que sofreram ao longo do percurso histórico, as religiões afro-brasileiras dispõem sua origem da matriz africana (são atos e ritos africanos que foram utilizados e adaptados dentro da ritualística das religiões afro-brasileiras), uma vez que foi a partir da resistência dos/as escravos/as que se conseguiu manter a cultura que foi transportada do continente africano para o Brasil (BERKENBROCK, 1999). É importante ressalta que as/os escravas/os eram de diversas partes da África, com manifestações e práticas religiosas diferenciadas, mas mantiveram elementos e ritualísticas africanas, transmitindo as tradições e costumes de seus ancestrais.

[1]Assistente Social formada pela Universidade Estadual de Londrina. Email: gabriellec.fortunato@hotmail.com
[2]Doutora em História. Pós Doutora em Serviço Social. Profa. do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social/UEL. Membro-fundadora do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades. Email: claudianevess@uel.br

O Candomblé não é apenas religião, mas uma comunidade que ao longo dos anos se encontrou às margens de seus direitos básicos.

A partir destas considerações temos por objetivo apresentar a contribuição da comunidade de Candomblé no combate à intolerância religiosa e ao racismo religioso no Município de Londrina e verificar o impacto que o racismo e a intolerância religiosa causam à população, contribuindo assim, com o debate sobre estas questões na cidade de Londrina.

Para concretizar nosso objetivo, realizamos pela plataforma do google Meet entrevista com três representantes do Candomblé Londrinense que promovem debates a partir de seus espaços de atuações. São dois homens negros e uma mulher negra que têm como premissa dar voz à comunidade a qual pertencem. Entendendo que o critério usado para a escolha foi exclusivamente a cor de pele e o debate já desenvolvido pelos mesmos sobre o racismo e a intolerância religiosa, realizamos diálogos de pessoas pretas, direcionando esse espaço de formação de conteúdos para que seja ocupado por vozes pretas. Foram oito perguntas em que os entrevistados puderam explanar suas perspectivas sobre Candomblé, racismo, intolerância religiosa, racismo religioso. em virtude do limite de páginas, abordaremos apenas a questão do racismo e intolerância religiosa. Ressaltamos que não realizamos recorte de gênero, econômico e educacional.

Os entrevistados são: 1- MSM, que hoje adota a sua apresentação como Bàbá Bílòjò- sacerdote do Ilê Àlàyé; entrevistado 2 - WVA, Ogan do Orixá Xangô e Advogado; entrevistada 3 - MFB, Ekedi de Oya.

O CANDOMBLÉ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O COMBATE AO RASCIMO E À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Foi a partir da inserção de pioneiros negros em solo londrinense que adentrou a cultura do Candomblé; cultura que passou a ser difundida entre os primeiros moradores da cidade, com características próprias de acordo com o território onde era praticado:

> Temos percebido até o momento, que o Candomblé de Londrina apesar de se reconhecer herdeiro espiritual do Candomblé de Salvador, tanto os pertencentes a vertente Congo-Angola, quanto Gege nagô, que apesar dessa suposta filiação, essas casas não têm conseguido manter a ortodoxia das casas mães, sincretizando dialogicamente rituais de várias procedências numa maleabilidade notável (ADOLFO, 2001, p.2).

O Candomblé londrinense tomou corpo e se consolidou. Segundo pesquisa de Sérgio Aldofo realizada em 1997, os primeiros zeladores de casas de santo na cidade de Londrina eram praticantes da Umbanda (BAPTISTA; LANZA, 2013, p.5), uma religião de matriz africana, mas que tem segmento distinto do Candomblé. Lanza et al. (2010), organizador do livro que narra a biografia da mãe de santo Yá Mukumby, conta-nos um pouco da história desta mulher guerreira e pioneira na luta do movimento negro:

> Ela me levava, freqüentei, fazia tratamento lá no centro, tudo, e daí eu comecei a freqüentar a religião. Na verdade, não era o Candomblé, era Umbanda, e depois a partir daí, eu me identifiquei. Eu conheci também, mais tarde, um pouquinho do Candomblé, aí já tinha mais noção, eu identifiquei mesmo (LANZA [et al.], 2010, p. 3).

É possível observar que mesmo com a influência da umbanda, foi possível identificar a consolidação do Candomblé como um novo formato religioso que surgiu após a influência de uma religião de matriz africana já existente no município.

Conhecer e difundir a história do Candomblé em Londrina possibilita-nos verificar a gama de profundidade que essa comunidade traz para o local onde se insere, uma vez que para além de sua incumbência religiosa, os terreiros passam a ter uma responsabilidade com o território, buscando uma atuação e um debate pertinentes e possíveis mudanças da realidade local.

A partir dessas breves considerações, discorreremos sobre o tema proposto para este artigo. Pedimos aos nossos informantes para falar sobre a contribuição do Candomblé para a comunidade (território). Foi interessante verificar como cada entrevistado apresentou sua percepção. O entrevistado 2 aponta:

> Bom, eu vejo que tem muitas casas que ajudam bastante, até com arrecadação de cesta básica; é o atendimento espiritual é muito importante, como a primeira coisa a ser feita. Mas muitas casas eu vejo que para além do auxílio com a cesta básica, ajudam muitas vezes as pessoas que não têm instrução e precisam fazer inscrição em um determinado edital. Exemplo é a situação da lei Aldir Black, que as pessoas tiveram que fazer inscrição; eu vi casa de axé auxiliando as pessoas; têm muitas casa que auxiliam bastante e é uma referência para a comunidade.

Foi possível perceber a ideia de uma ajuda assistencial que essas casas desenvolvem em seu território; para além dessa ajuda, o despojamento do espaço como possível potencializador de acesso à informação para as comunidades de terreiros e o seu arredor.

Já a entrevistada 3 apresenta outra perspectiva sobre a relação das comunidades de matriz africana:

> Então é assim, os terreiros na medida tem para comunidade uma contribuição social, contribuição política, contribuição econômica, e também uma contribuição cultural importantíssima, porque muitas roças e terreiros em alguns lugares, quando as crianças não tinham escolas eles atuaram como escola. Muitas roças elas desenvolvem lá atividades cultural, como música, a atividade educacional de letramento, atividade cultural e até as artes marciais como a capoeira. Conheço roças que oferecem cursos e oficinas, inclusive algumas roças têm convênio com a própria secretaria de assistência do município. Às vezes desenvolve projeto da universidade como aqui em Londrina, têm várias roças que têm projetos ligados a UEL, e nesses locais são dados oficinas, e lá funciona como um laboratório onde os estudantes vão fazer seus estágios e as comunidades vão ter cursos na área de cultura, política social. Algumas mulheres da comunidade de terreiro, que fazem curso ali, usam desses cursos como uma profissionalização, onde dali sai o trabalho que irá sustentar sua família.

Com a fala da entrevistada fica perceptível a importância que essa roça tem para a população, pois visualiza um espaço de expansão da cidadania, possibilitando mudanças na qualidade de vida e na garantia do acesso às políticas sociais. A partir deste ponto de vista, o entrevistado 1 destaca:

> O terreiro de candomblé é situado numa comunidade e tem grandes responsabilidades não só religiosas mas também sociais a partir da valorização da cultura afro-brasileira e africana no seu aspecto histórico, social, cultural, artístico. Todas essas vertentes de reconhecimento dessa cultura afro-brasileira e africana já são uma contribuição direta do terreiro com a nossa comunidade externa na comunidade a qual a gente pertence. Também quando eu entro nessa questão, da contribuição social, eu empodero a mulher, a gente educa as crianças para ampliarem seus olhares, e não se basear naquilo que a mídia tenta afunilar, mas nós, candomblecistas, buscamos alargar esse olhar de que uma criança preta é humana e merecedora de direito da mesma forma que uma criança branca. De forma que a mulher preta também é merecedora de direitos como homem preto e o homem branco. Nós buscamos uma equidade então esse pensamento, ele se dá a partir do terreiro a partir da valorização da Cultura afrobrasileira, a crença no orixá. […] Quando chega no terreiro e vê uma pintura artística que o filho faz ou uma imagem uma escultura que a gente comprou de algum artista que trabalha com as escultura ou imagem de orixás ou com uma roupa costurada por uma pessoa aí, então as pessoas imaginam que o preto não cria e nós trabalhamos com essa questão da valorização de um terreiro. É como eu digo, uma escola um Centro Educacional também.

Mais uma vez, o espaço do terreiro aparece como um espaço educacional, de emancipação, que desenvolve um trabalho que possibilita mudar e construir vidas e histórias. Contudo, muitos moradores da comunidade ao redor, e até mesmo adeptos, não conhecem o trabalho desenvolvido dentro dos muros das casa de Axé.

A seguir, indagamos aos nossos informantes como se dá a superação do racismo e da intolerância religiosa. Todos apresentaram certa inquietação ao responderem a esta pergunta. O

entrevistado 1 afirmou que:

> […] é continuar resistindo, é continuar lutando pela igualdade, pela equidade, justiça. Acredito que resistir é uma forma de buscar os nosso ancestrais, aqueles que já morreram por nós. Se hoje nós temos uma educação, por mais que alguns governantes venham tentar destrui-la, mesmo assim nós continuamos o processo de um caminho para a educação inclusiva, nós estamos pensando em políticas públicas como a conquista que foi as cotas […] a partir das cotas muitas outras pessoas puderam adentrar uma universidade, por conta de todas essas ações que surgem, são ações de resistência; ou seja, precisamos resistir a todo esse pensamento que tenta nos abafar, nos colocar à margem. Temos que sair dessa ideia racista de que o país foi apenas construído a força física dos negro. Não, esse país foi construído para além da força física, foi também usado força intelectual. As capacidades intelectuais desses negros e negras que aqui habitavam, grandes literatos, grandes artistas, representatividade de terreiro como Mãe Menininha do Gantuá; Mãe Estela, Mãe Aninha. Mulheres empoderadas e resistentes aos sistemas, realizaram seus projetos que deram grandes frutos. Resistir é melhor do que ir no empate, né. Ir para o embate é algo necessário que faz parte dessa luta, claro que a gente fala, assim, a luta cotidiana, mas não a luta bélica, a luta da briga, do enfrentamento. Eu acho que quando acontece empoderamento e nós entendemos que nós somos, a gente resiste mais e a gente luta. Mas nada abala a nossa crença ou os nossos valores.

O entrevistado 3 também vai na mesma direção, ao afirmar a luta conjunta e cotidiana contra o racismo e a intolerância religiosa da qual muitos adeptos e adeptas do Candomblé são vítimas:

> É o que estamos fazendo, bom a sociedade civil e organizada, ela tem lutado ela vem lutando desde que o primeiro negro chegou aqui no Brasil. Ele luta, esse é o combate e nós continuamos lutando com as armas. As estratégias, forças de lutas que nós herdamos de nossos antepassados, o que a gente faz nesse momento é manter esse movimento. Força de luta porque sabemos que deveremos passar para aqueles que virão, porque nós não vamos dar conta de acabar com o racismo. Temos tentado amenizar. Quando pensamos que avançamos dez passos, nós retrocedemos 20. A única coisa que nós temos é continuar lutando. Foi isso que nossos antepassado fizeram e que temos que fazer no presente. É isso que nós temos que deixar para aqueles que nos sucederam, aqueles que ainda virão, não tem outro caminho. No nosso país o que precisamos é que para além de reconhecer o racismo, que é uma coisa que ele ainda não faz. […] é a luta do movimento negro que tem reivindicado, que tem provocado e que tem tencionado que o Estado crie política a fim de garantir, e dar condições e melhoria de vida para a população negra no país. […] continuarmos nos organizando, fazendo as reivindicações e exigindo que se cumpra e que se efetive as políticas já conquistada, porque ainda corremos o risco que perder algumas de nossas conquistas. Por isso precisamos correr para garantir a manutenção e a efetivação das políticas que já foram conquistas, e avançar no sentido de que para além de reconhecer o racismo, o Brasil também institua legislação normativa que possa de certa forma garantir à pessoa negra o direito enquanto cidadão, pois é isso que nós somos. A única coisa que os diferem é a cor da pele, nós somos brasileiro […]. Nós estamos aqui como qualquer outro brasileiro, como qualquer outra pessoa. O Estado

> precisa reconhecer isso e precisa instituir política nesse sentido de nos dar garantia de vida, de direito de vida digna, de respeito, ou seja, o que o Estado brasileiro tem que fazer é o que um Estado decente faria e que um Estado pleno faria justiça e equidade.

O entrevistado 2 também destaca a importância da educação para ter acesso à informação e conhecimento de seus direitos:

> Acredito que a única forma de superar o problema é o conhecimento, a gestão das pessoas serem melhor informada. Muitas vezes não decorre só dessa questão de conhecimento, estudo; mas sim de um exercício constante de respeito. As pessoas falam muitas vezes de tolerância, mas entendo que talvez não seria a questão de ser tolerado, mas respeito através da crença que a pessoa tem.

Ao falar do Candomblé como espaço de enfrentamento ao racismo e intolerância religiosa, adentramos um espaço desconhecido, porém rico de conteúdo e oportunidades, e saímos da zona de conforto na busca para entender um tema fundamental para a sociedade, mas até há pouco tempo negado e escondido. Sabemos o quanto o racismo, a intolerância religiosa e o racismo religioso geram exclusão social, econômica e política, além da violência física e simbólica, e trazer para a Universidade o debate sobre estas questões possibilita ampliar a denúncia e a busca de soluções.

CONCLUSÃO

Constatamos na pesquisa desenvolvida que a intolerância religiosa é um problema que tem que ser refletido e enfrentado por toda a sociedade, em todos os âmbitos sociais, entendendo que se torna necessário o respeito sobre qualquer tipo de manifestação de fé ou religiosidade de homens e mulheres. Afinal, somos amparados por legislação que garante a liberdade de crença, conforme preconizado no Artigo 5º da Constituição de 1988:

> VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (BRASIL, 1988).

É fundamental que as manifestações de racismo e intolerância/racismo religioso sejam denunciados e combatidos. Verificamos o quanto a comunidade do Candomblé tem sido um espaço de fortalecimento e emancipação para todos e todas que de alguma forma adentram seus espaços, seja como adepto, consulentes ou comunidade ao redor. Esta comunidade de matriz africana possui uma forma distinta em relação aos seus cultos e organização, mas se

compromete com o ser humano.

Observamos que mesmo com esse comprometimento, os Candomblés continuam sendo vítimas de preconceito, racismo e intolerância religiosa e o quanto estas comunidades de matriz africana, ainda se veem desamparadas por falta de políticas efetivas voltadas para esta população.

Consideramos essencial suscitar debates e reflexões sobre intolerância religiosa e racismo, visto que ainda é insuficiente a produção teórica que aborda o Candomblé sob a perspectiva de uma religião que lida e enfrenta estas graves questões.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. Mitos e ritos - A literatura de candomblé em Londrina. **Revista do Gelne**, 2001. Disponível: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9198/6552. Acesso em: 15/12/2020.

BAPTISTA, Jamile Carla e Lanza Fábio: **Candomblé em Londrina e as Relações dos Terreiros.** Londrina, 2013 .Disponível em: http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000204825 Acesso: 05/01/2020

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé.** 2º Ed. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. O útero pulsante no candomblé: a construção da "afroreligiosidade" brasileira. - **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 9, n.1, p. 35-55, jan-jun/2012. Disponível: https://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2012/04/9-1-4.pdf. Acesso em 25/05/2020.

FORTUNATO, Gabrielle Caroline. **O Candomblé como possibilidade de combate de racismo e intolerância religiosa**. Trabalho de Conclusão de Curso. Londrina, 2021. 85f.

LANZA, Fábio; SOUZA, Alexsandro Eleotério P.; MERISSI, Lais Celis; DINIZ, Larissa Mattos. **Yá Mukumby: a vida de Vilma Santos de Oliveira**. UEL: Londrina, 2010. Disponível em: http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/Livros%20(atualizacao%20do%20site)/Ya%20Mukumby%201.%20ed.pdf

SILVA, Giselda Shirley, Valdeir José. Quilombos brasileiros : alguns aspectos da trajetória do

negro no Brasil. **Revista Mosaico**, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014. Disponível: http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/4120/2352. Acesso em: 20/06/2020.

VERGER, Pierre. **Orixás - Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1981.

Poema

Autora: Gabrielle Caroline Fortunato

Calaram meus ancestrais, quando por meio de força, foram roubados de África, e trazido para um continente regado por uma cultura eurocêntrica branca.

Calaram meus ancestrais, quando por meios de chicote, torturas meu povo foi submetido.

Calaram meus ancestrais, quando o homem branco objetificou os negros, de forma que passam a ser considerado apenas como mão de obra, sem ter valor humano.

Calaram meus ancestrais, quando os deram uma falsa libertação aos meus e logo após colocam em uma situação de marginalidade.

Calaram meus ancestrais, quando os negros e negras passas a servir somente para os trabalhos subalternos.

Calaram meus ancestrais, quando a cor da minha pele me colocava inferior ao branco .

Calaram meus ancestrais, quando meu cabelos, lábios grosso e cor retinta era motivos para ser tratada diferente, "exótica".

Calaram meus ancestrais, quando a minha carne tem sido a mais barata do mercado.

Calaram meus ancestrais, quando me nomeiam de mulata.

Calaram meus ancestrais, quando meus companheiros negros morrem por conta da violência policial.

Calaram minha voz quando a minha religião e coloca como algo ruim, ou quando por intolerância a polícia barra meu culto.

Por tanto tempo eu e meu povo fomos silenciados, mas hoje já não me calos mais,

Quero e vou lutar por mim e por meus irmãos que não entende a importância de estar em luta.

Quero e vou avançar pois tenho comigo a força daqueles ancestrais que foram calados, durante todo esse tempo.

Por isso seguirei em frente, rumo voz da qual um dia foi retira dos meus e agora será ecoada por mim e por todos que vieram depois de mim.

* * * * * **